

Metafísica da Revolução
Poética e política no ensaísmo de Eduardo Lourenço

Colecção Iberografias
Volume 23

Título: Metafísica da Revolução
Poética e política no ensaísmo de Eduardo Lourenço

Autor: Maria Teresa Filipe

Revisão:

Pré-impressão: Âncora Editora

Capa:

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.^a edição: Junho de 2013
Depósito legal n.º 357 9xx/13
ISBN: 978 972 780 3xx x
Edição n.º 41021

Centro de Estudos Ibericos
Rua Soiro Viegas n.º 8
6300-758 Guarda
cei@cei.pt
www.cei.pt

Âncora Editora
Avenida Infante Santo, 52 – 3.º Esq.
1350-179 Lisboa
ancora.editora@ancora-editora.pt
www.ancora-editora.pt
www.facebook.com/ancoraeditora

Apoios:

ÍNDICE

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO I – HETERODOXIAS OU A INSUFICIÊNCIA DO DISCURSO

Sobre um Itinerário sem Balizas

CAPÍTULO II – TEMPO E POESIA

Poética da Realidade

Acontecimento-Pessoa

Heterocrítica ou Crítica-Outra

Leitura Criadora

Linguagem-universo

CAPÍTULO III – PARA UMA POLÍTICA DO IMPOSSÍVEL

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

PREFÁCIO

Descrevendo uma curva fechada

Eduardo Lourenço não escreveu muito sobre a poesia de Manuel António Pina e talvez valesse a pena tentar saber porquê. Como importante excepção a esta ausência temos o ensaio “A ascese do Eu” de 2010. Aí Eduardo Lourenço declara que o autor de *Atropelamento e Fuga* é um dos raros poetas seus conhecidos (e ninguém tem dúvidas que ele conhece muita e boa poesia) «que não confere ao que chamamos *interioridade* uma qualquer consistência», nem «faz dela a essência mesma da nossa identidade». Pelo contrário, Manuel António Pina parece contestar que o sentido e a realidade sejam a expressão ou o espelho dessa «mítica interioridade». Por isso, o poeta escolhe, segundo Eduardo Lourenço, «a exterioridade (onde tudo está inscrito e de onde tudo é descrito)». Essa escolha, que, como qualquer escolha, se inscreve sempre numa recusa, é «uma espécie de revolução copernicana na ordem da poética e da poesia».

Interessa-nos aqui a expressão de Kant *revolução copernicana* porque, como se sabe, não é esta a primeira vez que Eduardo Lourenço aproxima os dois conceitos: revolução e poesia. Fê-lo, em finais da década de Cinquenta do século passado, naquele que talvez seja um dos seus ensaios mais célebres – «provavelmente, não ficará nada de mim (nunca fica nada de ninguém), senão alguma nota de rodapé onde será assinalado que eu escrevi esse artigo», escreverá anos mais tarde –, argumentando que a *Presença* representava uma contra-revolução face ao *modernismo português*, protagonizado pela geração de *Orpheu*. O sintagma *contra-revolução* é, como também reconhecerá depois, «um pouco equívoco». Desde logo, porque com ele não se pretende fazer nenhuma acusação de reaccionarismo político a José Régio e aos seus companheiros da revista coimbrã, como chegaram a concluir algumas leituras porventura em excesso de velocidade. O que estava em questão era outra coisa. Eduardo Lourenço defendia então, e sempre continuou a defender aliás, que *Orpheu* e sobretudo Pessoa realizaram uma revolução quer na ordem literária, quer na ordem *ontológica*. Ora, relativamente a este singular *movimento do corpo poético*, a estética da *Presença* significa, no entender do ensaísta de *Tempo e Poesia*, um passo atrás ou até uma inversão de marcha. Neste quadro, como situar a poesia de Manuel António Pina, onde Eduardo

Lourenço vai descobrir «uma tão funda consciência da sua irrealidade, numa versão pós-pessoana»?

Procurando seguir a lição de Eduardo Lourenço, que não quis ter outro guia senão o próprio Pessoa, deixemo-nos conduzir por Manuel António Pina, num texto, precisamente chamado “Poesia e Revolução”, e que é talvez dos últimos que deixou escrito. Poeta da «pura exterioridade», não seria de esperar de Manuel António Pina uma viagem por mapas auto-biográficos. Ou, afinal, talvez fosse. De qualquer modo, eis uma revelação: «Não há nenhum jovem poeta que, assumida ou secretamente, não sonhe revolucionar a poesia». Quem nos pode garantir em absoluto que Manuel António Pina também foi esse *jovem poeta*? Ninguém, claro. Mas, algumas linhas atrás, apanhámos boleia e lemos: «Uma das secções do meu primeiro livro de poesia abre com a epígrafe seguinte, recolhida, mais maiúscula menos maiúscula, já não me lembro de que dicionário:

“Diz-se Revolução
o Movimento de um Corpo que,
descrevendo uma curva fechada,
passa sucessivamente pelos
mesmos Lugares”».

Ainda não é o fim do mundo calma é apenas um pouco tarde, assim se chamava, mais maiúscula menos maiúscula, o primeiro livro do poeta em ano de Revolução. Mas, tal como o nosso condutor mostra, «uma verdadeira revolução política é também uma poética». Movimento de um corpo que passa sucessivamente pelos mesmos lugares. Escrevendo uma curva apertada:

«contra aquilo de que me lembro,
essa tarde parada, por exemplo».

Maria Teresa Filipe regressa a estes mesmos lugares da revolução que foi, para Eduardo Lourenço, a experiência poética de Pessoa. Numa frase que só parece na primeira versão do ensaio “*Presença* ou a contra-revolução do modernismo”, publicada com imensos cortes em *O Comércio do Porto* a 2 de Dezembro de 1958 e que Maria Teresa Filipe recupera neste livro, Eduardo Lourenço diz: «A poesia não é o que diz, mas o que é (...) como uma bomba

explodindo é diversa de um discurso anarquista». Num certo sentido, a estética presenciada (na sua irrecusável heterogeneidade) funcionou um pouco como esse discurso anarquista, procurando *explicar* a deflagração pessoal. Simplesmente, com a explosão, a poesia «partiu-se como um vaso vazio». E assim «fez-se em mais pedaços do que havia loiça no vaso». É sempre possível tentar recuperar o vaso partido, mas Eduardo Lourenço sublinha não ser esse o gesto da poesia de Manuel António Pina, pois nela «a nossa morte está conosco (...) como a sombra com o corpo».

Por isso, se escrever depois de Pessoa é *descrever uma curva fechada*, mais perigoso se torna circular nos complexos e surpreendentes trajectos desenhados pelo arquipélago que a escrita-ensaio de Eduardo Lourenço também é. Maria Teresa Filipe navega por entre essas ilhas com uma mestria tão natural que quase se torna imperceptível o modo como descreve curvas apertadas. Mas vai mais longe e, pensamos nós, no caminho certo, se é que coisa semelhante existe. Com *Metafísica da Revolução. Poética e Política no ensaísmo de Eduardo Lourenço*, o seu primeiro livro, no qual assume a dimensão *revolucionante* do que pretende que seja uma nova metafísica, a autora ensaia e, ao mesmo tempo, anuncia novas e promissoras viagens em busca de uma Ítaca que sempre nos foge.

João Tiago Pedroso de Lima